

A história da educação dos negros em Uberlândia: memórias, dilemas e resistências (1950-1970)

*The history of black education in Uberlândia: memories, dilemmas and
resistances (1950-1970)*

Alexandre Bianchi de Souza

Graduado em licenciatura e bacharelado em História pela Universidade Federal de Uberlândia, pós-graduado em Supervisão, Gestão e Inspeção Escolar pela Universidade Cândido Mendes (Rio de Janeiro), graduado em Pedagogia EAD pela UNIFRAN (Universidade de Franca), mestre pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Educador Infantil pela Escola Municipal de Educação Infantil Maria Pacheco Rezende.
E-mail: souzaufu@hotmail.com

Resumo: Este estudo primou em edificar uma compreensão acerca dos processos históricos que tratam da história da educação dos trabalhadores negros no município de Uberlândia e região entre 1950 e 1970. Pretendemos compreender como ocorreu o processo de escolarização dos negros que estudaram em escolas urbanas e rurais de Uberlândia e região com o objetivo de elencar as contradições sociais e debatê-las, contextualizando a história da cultura afro-brasileira em seus múltiplos aspectos.

Palavras-chave: Educação. História. População Negra.

Abstract: This study aimed to build an understanding of the historical processes that deal with the history of education of black workers in the city of Uberlândia and nearby between 1950 and 1970. We intend to understand how the schooling process of black people from Uberlândia and nearby occurred in urban and rural schools, in order to list the social contradictions and debate them, contextualizing the history of Afro-Brazilian culture in its multiple aspects.

Keywords: Education. History. Black Population.

A pesquisa almeja compreender os processos históricos constituídos ao longo da história da educação brasileira que resultou na realidade social vigente, levando-se em consideração a trajetória de vida dos negros no que tange às experiências escolares. Pretendemos verificar se as causas das desigualdades educacionais entre brancos e negros se devem ao trabalho precoce, à falta de infraestrutura escolar e ao preconceito.

Minas Gerais atualmente é um dos estados brasileiros de maior população negra e parda do país. Segundo Mello (2011), pela primeira vez na história, a população negra superou a população branca em Minas Gerais. “De acordo com o censo, 9,2% da população é preta e 44,3% parda. Há dez anos, os brancos eram 53% e os negros 45,4% (37,6% pardos e 7,8% pretos)”¹.

De acordo com a demógrafa do IBGE em Minas Gerais, Luciene Longo,

¹Negros são maioria entre mineiros, aponta Censo de 2010. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2011/04/30/interna_gerais,224598/negros-sao-maioria-entre-os-mineiros-aponta-censo-2010.shtml. Acesso em: 19 jul. 2018.

Minas Gerais está acompanhando o aumento da população preta e parda verificada em todo o Brasil. A explicação para isso é o aumento da miscigenação e a diminuição do preconceito, que faz com que as pessoas não tenham vergonha de se autodeclarar negras².

No que trata da elaboração da pesquisa realizada pelo IBGE no quesito cor ou raça, tem-se a seguinte informação:

a investigação da Cor ou Raça nos censos do Brasil data desde o primeiro levantamento censitário realizado no País, em 1872, ainda no tempo da escravidão. No Censo Demográfico realizado em 1872, o recenseado livre podia se autodeclarar dentre as opções: branco; preto; pardo; ou caboclo, e era de sua competência a classificação dos seus escravos entre duas categorias: pretos e pardos. Nos Censos de 1900 e 1920 a informação não foi objeto de pesquisa, sendo re-introduzida no Censo Demográfico 1940, com a inclusão da categoria amarela, em função da forte imigração japonesa para o País, posteriormente, investigada em 1950 e 1960. No censo seguinte, 1970, o quesito não foi investigado, e, no Censo Demográfico 1980, foi novamente reintroduzido ainda com as quatro categorias: branco; preto; amarelo; e pardo. (IBGE, 2000, p.16).

Tabela 01 - Pessoas presentes de 10 anos e mais que possuem curso completo segundo a cor (1950)

	Branco	Pretos	Pardos	Amarelos	Sem declaração de cor
População Total	5.613.729	236.213	596.635	84.397	11.705
Grau elementar	4.523.535	228.890	551.410	74.652	10.208
Grau médio	928.905	6.794	41.410	8.744	1.295
Grau superior	152.934	448	3.568	924	196
Sem declaração de grau	8.355	81	247	77	6

Fonte: IBGE. Recenseamento Geral de 1950, p.24.

Podemos verificar que a população de brancos que possui curso completo foi de 5.613.729 pessoas, ao passo que a população de negros que possui curso completo foi de 236.213 pessoas.

No que tange aos concluintes da população branca, no que se refere ao grau elementar temos 4.523.535 pessoas (80,57%), grau médio, 928.905 pessoas (16,54%), grau superior, 152.934 (2,72%), sem declaração, 8.355 (0,19%).

No que tange aos concluintes da população negra, no que se refere ao grau elementar temos 228.890 pessoas (96,89%), grau médio, 6.794 pessoas (2,87%), grau superior, 448 (0,18%) e sem declaração, 81 (0,06%).

De acordo com as informações apresentadas, podemos verificar que a população auto-declarada de brancos é 22,76 vezes maior que a população auto-declarada de negros.

No que se refere ao grau elementar, verificamos que o número de concluintes negros é de 96,89% e o da população branca é de 80,57%, o que significa que os negros, em termos de porcentagens, superaram os brancos no grau elementar em 1950.

No que se refere ao grau médio, verificamos que o número de concluintes negros é de 2,8% e o da população branca é de 16,54%, o que significa que os brancos no grau médio superaram os negros em 4,9 vezes ou 490%.

² Idem. p.1.

No que se refere ao grau superior, verificamos que o número de concluintes negros é de 0,18% e o dos brancos é de 2,72%, o que significa que os brancos no grau superior superaram os negros. Em termos de proporções, os brancos superaram os negros 14,1 vezes no que se refere ao número de concluintes de grau superior em 1950.

Inferimos, de acordo com a análise realizada anteriormente, que o número de concluintes negros no grau elementar superou o dos brancos; no grau médio e grau superior os brancos superaram os negros.

Os dados analisados comprovam as desigualdades educacionais entre brancos e negros no que se refere ao número de concluintes de pessoas de 10 anos e mais em 1950.

Para Hasenbalg (2005, p. 191),

a limitada participação da população de cor no processo educacional formal é marcado por contradições. Em acréscimos aos mecanismos de discriminação de classe do sistema educacional – cujos efeitos são especialmente sentidos por negros e mulatos devido à sua maior concentração nos setores subordinados da estrutura de classes – a cor da pele opera como um elemento que afeta negativamente o desempenho escolar e o tempo de permanência na escola. Embora a educação no Brasil tenha sido o principal canal de ascensão social para a população de cor, há boas razões para acreditar quanto maior for o nível educacional atingido por uma pessoa de cor, maior será a discriminação experimentada por ela no mercado de trabalho. Em outras palavras, o retorno de anos adicionais de escolaridade: em termos de ganhos ocupacionais e de renda, tende a ser proporcionalmente menor para os não-brancos do que para os brancos.

As desigualdades educacionais entre brancos e negros potencializam as injustiças sociais, já que a disputa por postos de trabalhos, especialmente em cargos de gestão, em que os salários são mais altos, normalmente exigem escolaridade elevada.

Nesse contexto, algumas questões direcionam o presente trabalho: o que os (as) colaboradores (as) têm a dizer sobre suas vivências educacionais? Como foi o processo de escolarização? Quais foram as dificuldades enfrentadas por eles ao longo da vivência? Quais os caminhos apontados por eles para melhorar a inclusão educacional?

Os colaboradores da pesquisa foram escolhidos com base nos seguintes critérios: representantes de movimentos negros, congada, umbanda, trabalhadores rurais, migrantes ou personalidades que se formaram em Uberlândia ou escolas rurais da região e que tiveram atuação no campo político. No que se refere à escolaridade, foram entrevistadas pessoas com ensino básico incompleto, graduados e pós-graduados.

Foram atribuídos pseudônimos aos (as) colaboradores (as) que concederam as entrevistas: Cássia Augusta (65 anos), Dandara de Maria (74 anos), Débora Guerreira (60 anos), Elias Redentor (48 anos), Emanuel dos Anjos (72 anos), Estevão Firmino (76 anos), Hosana Batista (65 anos), Joana da Bondade (62 anos), Madalena das Graças (78 anos), Marta de Nazaré (47 anos), Pedro dos Santos (85 anos).

Munanga (2005, p. 12) destaca que

o resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza

econômica e social da identidade nacional.³

A realização da pesquisa utilizando a História Oral é imprescindível para a compreensão dos fatos históricos e sociais por possibilitar captar, registrar e estudar as impressões subjetivas dos entrevistados sobre suas vivências no âmbito da escolarização. No campo da produção científica, as memórias sociais constituem patrimônio imaterial.

A colaboradora Hosana Batista⁴ relatou suas experiências escolares:

Aqui na Tenda Coração de Jesus havia uma sala de alfabetização que minha avó fazia voluntariamente para as crianças filhas dos médios que frequentavam a casa na época e amigos. Então hoje fala o prézinho. Fui alfabetizada aqui mesmo na Tenda Coração de Jesus. Aqui existia o Externato Coração de Jesus. Quando fui alfabetizada fui levada para escola São Vicente e lá estudei até o segundo ano primário depois eu fui para o Colégio Central. Antes eu fui para o Afonso Arinos que era perto do correio e depois que estava mais adiantada fui para o Colégio Central. Depois eu fiz admissão lá no Afonso Arinos e depois eu fui para o José Inácio e lá eu terminei o ginásio. Na minha época a gente terminava o primário e para entrar no ginásio a gente fazia um período de admissão. Alguns estudavam o ano todo para depois a gente entrar no ginásio. Enquanto a gente aqui na escola Externato Coração de Jesus estava dentro da nossa comunidade religiosa de amizade e tudo mais tudo bacana e a gente era criança na época. (2017).

O depoimento de Batista destaca a importância da religião na escolarização de crianças carentes na época e também suas vivências sociais no que se refere à formação educacional.

Apresentamos a resposta da colaboradora Débora Guerreira⁵. Sobre suas experiências escolares, a Guerreira (2017) afirmou:

Desde a infância eu iniciei no Externato Coração de Jesus fiz até o quarto ano primário. Eu saí daqui e fui para o Dr. Duarte. Passei pelo Afonso Arinos e de lá eu fui para o Bueno Brandão. Eu conheci a primeira bomba, mas não era bomba. Foi o primeiro ano que saiu a palavra recuperação. Eu não conhecia a palavra recuperação. A professora chegou e falou para mim: olha Débora sua nota ficou muito baixa e você ficou de recuperação e você vai ter mais um mês de aula. Pra mim foi o fim do mundo. Eu fiquei doente e fiquei com náuseas. Ai eu fiquei um ano fora da escola. No próximo ano seguinte eu fiquei e me matriculei. Ou você fazia mais um ano ou então você... Foi minha primeira ausência de escola. Mamãe eu vou trabalhar. Aqui no Clarimundo levantaram-me a minha auto-estima. Eu fiz a quinta, a sexta e a sétima série.

As vivências sociais de Guerreira enfatizam as adversidades que ela enfrentou em sua busca pela escolarização em uma época em que as oportunidades de estudo na cidade eram escassas. A capacidade da superação das adversidades foi salutar para que ela não abandonasse os estudos, além de evidenciar o papel do educador como transformador da realidade social. A partir dessa perspectiva, inferimos que a escola que desenvolveu

³ O Doutor Munanga - naturalizado brasileiro em 1985, nascido na República Democrática do Congo -, é referência mundial em Antropologia africana, população afro-brasileira tratando de temáticas como o racismo, políticas e discursos antirracistas, negritude, identidade negra, identidade nacional, multiculturalismo e educação das relações étnico-raciais. (LATTES, 2018, p.1).

⁴ Hosana Batista tem 65 anos e é umbandista.

⁵ Débora Guerreira tem 60 anos. É pedagoga e é irmã de Hosana Batista e Joana da Bondade.

atividades vinculadas com a educação fraterna, solidária e humanizadora, focadas no bem-estar e desenvolvimento holístico do aluno, contribuiu, neste caso, para a formação cultural e a superação de todas as adversidades da estudante.

Sobre sua trajetória escolar, Joana da Bondade⁶ assim narrou:

Na minha época eu fiz até a sétima série. Eu estudei no Externato Coração de Jesus, depois no Brasil Central e depois eu estudei no Afonso Arinos que é uma escola que é anexo do Brasil Central. Na nossa época, em 1960, 1970 era muito pouco a gente ter essa liberdade. Nas épocas cívicas a gente tinha certa liberdade porque foi uma coisa que a Rosa nos ensinou foi a nunca ter medo de fazer as coisas. Se for para fazer então vamos fazer. Na época do índio a gente fazia representação no dia do índio, fazia representação, fazia teatro da escravatura. Quando eu saí do Brasil Central e fui para o Afonso Arino começou essa apresentação dentro da escola; então a gente fazia apresentação sobre o índio, sobre o escravo, a gente fazia pesquisa sobre a árvore. No Afonso Arinos nós começamos a ler aquele livro o Saci que falava sobre o Sítio do Pica Pau Amarelo. Nós fomos fazer uma representação da história do Sítio do Pica Pau Amarelo, depois a gente foi representar o teatro, depois teve uma dança do Saci. Cada época tinha uma coisa pra mostrar para gente. Dissabor em sala de aula eu nunca tive não. (BONDADE, 2017).

A atividade pedagógica desenvolvida por Bondade com os estudantes relacionada com a dramaturgia foi relevante para o desenvolvimento estético dos mesmos na perspectiva de potencializar o protagonismo social, a criação de linguagens que tornaram o processo de ensino e aprendizagem mais didático, interessante e atraente, além de facilitar a compreensão dos temas abordados.

A colaboradora Dandara de Maria⁷ relatou:

A minha casa era casa de rancho; minha casa era de pau a pique coberta com folha. A gente levantava de noite para matar os barbeiros. A gente ficava com medo de ficar doente por causa dos barbeiros. A nossa vida no começo era muito difícil. Eu trabalhava na roça capinando. Trabalhava na roça capinando com criança amarrada nas costas. Capinava para dar o alimento para os filhos e o pai trabalhava pro outro lado mexendo com gado. A vida não foi fácil. Eu ia para a escola todos os dias que ficava vinte quilômetros levando o filho na cacunda. (2018).

Nazaré (2018) afirmou: “Na época era a escola Jamil Tannus” (NAZARÉ, 2018). Sobre a família e as vivências na fazenda, a colaboradora Maria (2018) assim narrou:

Meus filhos eu criei trabalhando na lavoura pegava pasto para roçar. Tinha que passar no meio do mato, naquela estradinha batida de terra. A gente ia a pé ou a cavalo. Meu pai era bom, mas aí ele ficou doente e eu casei. Meu pai quebrou a perna, andava em uma cadeira de roda; meu pai era José e minha mãe Mirtes. Eu tinha doze irmãos sendo que três faleceram. Nós tínhamos uma infância boa, ficava com os irmãos e mãe ia trabalhar e punha a gente olhar os irmãos; com sete anos eu fazia comida e a mãe ia trabalhar na lavoura. A gente teve uma infância de cuidar dos irmãos, socar arroz, capinar; pegava litro e fazia carrinho com aquela cabaça.

Sobre o cotidiano na fazenda, Maria (2018) afirmou que, “com dez anos trabalhava

⁶ Dona Joana da Bondade tem 62 anos. Colabora com atividades religiosas na Tenda de Umbanda Coração de Jesus.

⁷ Dandara de Maria tem 74 anos, é aposentada e mãe de três filhos, dos quais Elias Redentor e Marta de Nazaré participaram desta entrevista e são professores.

na lavoura, fazia polvilho, farinha. Nós saíamos, andávamos vinte quilômetros com duas latas de farinha nas costas pra vender, pra comprar coisas pra comer”. A atuação dos pais em levar os filhos para a escola fez com que Maria (2018) voltasse a estudar. Sobre o conteúdo que era ensinado na escola, Nazaré (2018) assim disse: “Eu tinha cinco anos. Tinha mais crianças e jovens, a única adulta era ela (a mãe)”.

Sobre suas vivências na escola, Maria (2018) afirmou: “Era tudo tranquilo, eu olhava as crianças depois comecei a apreender. Eu era conselheira na escola”.

Em relação à quantidade de estudantes na turma, Nazaré (2018) afirmou: “Tinha trinta alunos”.

Sobre a lousa, Redentor (2018) informou: “Na época a lousa era de giz. A origem dos alunos era dos arredores”.

Maria⁸ (2018) relatou: “Tinha a, e, i, o e u; o sá, sé, si, só e su. Tudo isso a gente achava bom”.

Nazaré (2018) afirmou: “Era uma sala seriada, os menores sentavam sempre na frente, cada um fazia sua própria tarefa”.

Maria (2018) afirmou: “Minha mente está meio falhando”.

Nazaré (2018) salientou: “Ou você sabia ou não sabia; era um ensino muito bom, muito puxado”.

Os depoimentos de Maria, Nazaré e Redentor relatando as dificuldades durante o processo de escolarização expõem a escassez e precariedade do ensino rural no país. Determinada a formar os filhos, Maria enfrentou as maiores adversidades em suas lutas pela sobrevivência de sua família. A perseverança, a determinação e a necessidade são elementos psicológicos que potencializaram a mudança da história de vida da família permeada pelas injustiças sociais originadas no sistema capitalista. Maria formou os filhos, que atualmente são professores.

Outro depoimento que também nos remete à educação no mundo rural é o do colaborador Pedro dos Santos.⁹

De acordo com ele,

pode falar que era minha lutadora também, porque mexia com serviço tocava arroz, levava até a comida pro meu serviço e minhas irmãs ajudavam a trabalhar também. Hoje nós resistimos tenho só duas irmãs. Elas são mais novas do que eu. Dos dez irmãos que eu conheci tinha quatro acima de mim e eu era o mais novo dos quatro mais velhos. Eu morava na beira do rio Tijuco e depois eu mudei pra colônia. Meu pai continuou o empreito, trabalhou a lavoura trabalhou muito com gente, bateu inverno fazendo muita cerca de arame. Menino trabalhava desde novo. Quando fui virando moçinho tinha vontade de estudar. O que a gente estudou foi depois de casado. (SANTOS, 2018).

As aspirações diárias em busca da melhoria da vida social fizeram com que Santos buscasse a escolarização. Sem poder abrir mão do trabalho na lavoura, ele sonhava em algum dia poder estudar. Apesar de todas as precariedades na oferta do ensino, dos Santos não desistiu de realizar seu sonho, foi em busca da escolarização e estudou no período

⁸ O método sintético descrito por ambas as entrevistadas consistia em iniciar o ensino da leitura e da escrita com a apresentação das letras e seus nomes (método da soletração alfabética), ou dos sons (método fônico), ou das famílias silábicas (método da silabação), sempre obedecendo a uma ordem de dificuldade das letras, primeiramente, as sílabas simples e, posteriormente, as sílabas complexas. E a escrita ficava restrita à caligrafia e à ortografia, por meio de cópias exaustivas, ditados e formação de frases simples. (DOMINGUES et al, 2015, p.116-117).

⁹ O senhor Pedro dos Santos tem 85 anos.

noturno, tendo sido alfabetizado.

Sobre a infância, o colaborador Emanuel dos Anjos¹⁰ (2018) narrou:

Eu nunca tive infância, eu nunca tive infância! Minha infância sempre foi trabalhar. Olha minhas mãos como é que é: cheia de calos. Eu nunca tive infância nunca aprendi eu não fazer e nem saltar uma pipa. A única coisa que meu pai deixava fazer era pescar com ele e matar passarinho naquele tempo não era proibido.

No depoimento narrado, Dos Anjos expressa sua revolta por ter perdido a oportunidade de vivenciar o ser criança¹¹. O trabalho precoce, somado à falta de oportunidade no acesso de inclusão escolar, o impediu de estudar. As contradições sociais presentes no sistema capitalista tiraram a oportunidade da autorrealização de Dos Anjos, que se viu obrigado a lutar pela sua sobrevivência em um mundo social opressivo.

Também contamos com o depoimento de Madalena das Graças¹². Sobre a família, Das Graças (2018) afirmou: “Graças a Deus a família que eu trabalhei era uma família unida e respeitava a gente. Nunca ninguém me deu decepção, me humilhou! Fui muito bem tratada”.

O colaborador Estevão Firmino¹³ afirmou:

Era uma casa velha de pau a pique não morava mais ninguém. Família muito boa. Eram rígidos e amorosos e tinha muito amor com a gente. Éramos três irmãos e eu sou o mais novo dos irmãos. Tinha uma hora para brincar e trabalhava. Com apenas cinco anos de idade. Trabalhava na roça puxando cavalo, capinava e levava comida para os companheiros. Não recebia. (FIRMINO, 2018).

Sobre sua vida escolar, o colaborador Santos (2018) relatou:

Na fazenda. Eles me deram o diploma do quarto ano. Ai eu parei na quinta série. Minha mãe estudou, mas naquela época a escola era atrasada. Aquele estudo dela era pouco. Agora meu pai estudou. Em São Vicente era solteiro; aí a gente casou ai eles voltaram com o MOBREAL A gente estudou com a Regina depois eu estudei com a Anita. Estudei com a Odete. Depois dessas na fazenda em Miraporanga tinha uma época que teve aluno à noite e agente estudou. Depois que a empresa comprou a gente continuou estudando.

Ainda sobre seu processo de escolarização, Dos Anjos (2018) afirmou:

Antigamente você demorava dois dias pra levar uma carta para a pessoa. Se fosse um lugar perto do outro a gente fazia um fogo pra fazer fumaça pra pessoa ver e saber que está tendo um problema. Olha aquela fumaça lá! Quando eu vi um rádio eu era moleque grande. Então é isso: a gente foi criado nesse ritmo assim sabe não teve infância, não teve boa vida das coisas nem nada. Não, não tive a oportunidade; eu também fui muito ruim pra aprender na parte de leitura, eu era muito nervoso e ninguém tinha paciência dos outros ficarem me ensinando. Mas não tive oportunidade não porque a gente que trabalha chega em casa já cansado. Quando

¹⁰ Emanuel dos Anjos tem 72 anos. É aposentado.

¹¹ O termo vivenciar o ser criança refere ao oferecimento dos direitos fundamentais das crianças e adolescentes relacionados com o bem-estar, ter a liberdade de brincar, ser cuidada e educada.

¹² Dona Madalena das Graças tem 78 anos e é casado com o senhor Emanuel dos Anjos. É aposentada.

¹³ Estevão Firmino. Tem 76 anos. É aposentado.

eu vim para cá eu não tinha profissão, fui trabalhar de servente, depois fui trabalhar na cooperativa. Fiquei lá quase cinco anos na empresa. Então a gente fica cansado e não tive oportunidade. A leitura faz falta pra mim, mas talvez uma pessoa aquela cara que talvez uma pessoa mais estudada possa ser mais boba do que eu. Tem gente que é igual pão sabe por quê? Porque um pão tem miolo, mas não tem inteligência. E eu tenho miolo e tenho inteligência.

Dos Anjos narrou as dificuldades enfrentadas pela falta de escolarização, como, por exemplo, a dificuldade em realizar leitura. A falta de oportunidades no oferecimento de escolarização aos cidadãos sempre foi uma dívida histórica que o país possui.

A colaboradora Das Graças (2018) não mencionou detalhes sobre sua relação com os pais, ela diz que morava nos locais em que trabalhava e era tratada com respeito pelas pessoas com quem conviveu.

Eu trabalhava lavava passava e deixei boa fama graças a Deus. Com quatorze anos em escola estadual. Estudei até a quarta série. Depois quando eu trabalhei na medicina eu fiz a oitava série no CESU (Centro Estadual de Educação Continuada de Uberlândia). Assim coisas de ruim nunca aconteceu. Uma vez tinha um menino muito levado aí a professora chamou a atenção dele. Ele só brincava, levava na brincadeira. Aí a professora chamou a atenção dele se você quiser estudar...agora se você não quiser estudar a porta está aberta. A porta está aberta! E ele foi embora da escola? Não foi de jeito nenhum! Agora vai à escola pra brincar, não pode. Primeiro fiz a quinta e sexta séries em escola municipal. (DAS GRAÇAS, 2018)

Das Graças levou a sério os estudos, conseguiu entrar no mercado de trabalho e progredir na carreira. A valorização do trabalhador sempre contribuirá para o desenvolvimento pessoal.

Sobre o ensino rural, Lima *et al.* (2011, p. 10) afirmaram que,

ao investigar o ensino rural nota-se que era visto como um instrumento para fins sociais e políticos, era pensado para fixar o homem no campo, não sendo defendido como um meio de qualificar o homem para aprimorar o seu trabalho no campo e tampouco para concorrer a um trabalho urbano. As escolas eram instaladas, em sua maioria, nas fazendas que possuíam um grande número de população em idade escolar.

Normalmente o êxodo rural ocorre quando trabalhadores do campo não dispõem das condições adequadas de vida e isto envolve outras esferas além do trabalho. O não oferecimento de qualidade de vida que atenda aos populares que residem no campo é uma das causas que explicam o êxodo rural. Para mudar essa realidade, é necessário que sejam ofertadas políticas que atendam aos interesses dos camponeses, voltadas para inclusão social nas esferas da educação, saúde, moradia, segurança, esporte, lazer, alimentação, cultura, etc. A migração dos camponeses para a cidade poderá contribuir para o aumento das demandas públicas nos serviços sociais, infraestrutura e moradia. Muitas vezes, essas populações são acometidas pelo desemprego, que tem como causa as crises econômicas provocadas pelo sistema capitalista. Deveria haver estímulo político para que trabalhadores tivessem acesso a terras públicas na perspectiva de habitar os campos e produzir alimentos, aproveitando as riquezas por eles mesmos produzidas.

Verificou-se que todos os entrevistados migraram para o município de Uberlândia em busca de melhores condições de vida, de escolarização, de moradia, de acesso à saúde, etc.

Em relação à educação no campo, Oliveira (2011, p. 22) relatou que

os elevados índices de reprovação, especialmente nas áreas rurais, estabeleciam-se em função de diversas dificuldades enfrentadas. Tratavam de problemas como a pobreza do aluno, que necessitava a trabalhar já na infância para ajudar no sustento da família. A evasão da escola, portanto, era uma das consequências de problemas sociais mais amplos e de profundas raízes no Brasil. Nesse sentido os estudantes do campo, quando tinham a oportunidade de frequentar a escola, faziam-no por pouco tempo, pois tinham que se dedicar ao trabalho ainda na infância.

No que diz respeito ao processo de escolarização dos entrevistados que participaram desta pesquisa, verificamos que eles enfrentaram desafios relacionados à falta de professores, cansaço provocado pelo trabalho, estrutura precária das salas de aula, etc. Apesar das adversidades, destacamos que muitos estudantes buscaram a escolarização e superaram os desafios.

Na obra intitulada “Significado do Protesto Negro”, Fernandes (1989, p. 59-60) afirmou que

os velhos dilemas se reproduziam. O preconceito e a discriminação se ocultavam por trás do tratamento racial assimétrico, do branco da classe dominante (e de outros tipos de brancos); das iniquidades sociais, econômicas e culturais; da concentração racial da renda e da desigualdade racial extrema – e o negro era empurrado a aceitar e a engolir tudo isso! Não tinha como lutar e como romper socialmente com a “herança da escravidão”. O pior é que a exclusão o marginalizava: o preconceito e discriminação fechavam as oportunidades de integração ao sistema ocupacional ou as restringiam ao mínimo.(...) Para classificar-se como trabalhador assalariado, pois, o negro tinha de vencer barreiras e, como consequência, foi prolongado o período de transição maldita. Os mais pobres viviam em cortiços, em casas de cômodos ou porões para alugar. Até o negro enfrentava barreiras, indo parar nos cortiços famosos por serem grandes infernos “buracos de onça”, onde a desorganização social campeava à solta e todas as violências ocorriam simultaneamente. Os seres humanos acuados não têm piedade diante das pessoas mais fracas. Encurralados e “emparedados” aceitavam um estilo de vida que convertia a desgraça em destino coletivo (já que “desgraça pouca é bobagem”).

As contradições sociais presentes no mundo capitalista são fomentadas pela exploração das classes sociais mais abastadas ou dominantes que possuem os aparatos sociais, como a propriedade privada, o capital e os bens imateriais disponíveis. As relações mercadológicas são fundamentadas na competição e na ideologia de que apenas os mais aptos conseguiriam um lugar ao sol (uma espécie de seleção social que fazem parecer natural), mas que, na realidade, não é, já que as oportunidades sociais oferecidas pelo sistema são diferenciadas. A construção de discursos sofisticados presentes no campo da superestrutura produzida pelos burgueses aparelhou os Estados de aparatos jurídicos e policiais na perspectiva de manter a configuração social vigente: os ricos ficam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. O sistema de exploração dos trabalhadores tem como foco principal a perpetuação da riqueza das elites indefinidamente. Esse projeto de nação é devastador e é responsável pela miserabilidade de considerável parcela da população brasileira.

De acordo com Carmo¹⁴ (2000, p. 70),

os trabalhadores negros, no seu relacionar com os vários mecanismos presentes no interior das relações de trabalho junto das “funções de preto”, da aparente segregação do mercado de trabalho, do possível preconceito por parte de sua presença em determinadas atividades, contido nas análises dos trabalhadores não negros, da evidente exploração, entre outros elementos, pontuaram, apesar das diferenças de interesses existentes, para a capacidade de construir um jogo, conforme propõe Muniz Sodré, no qual a aparência das relações só pode ser aprendida no interior da efetiva diferença, e não as disjuntivas, que se excluem mutuamente por meio da lógica diferencial; mas se observarmos nos momentos em que ocorre a imediatez da troca, nas contigüidades modulantes, na troca vertiginosa do jogo, pode se compreender o incessante jogo estabelecido.

Somente com a mobilização social dos trabalhadores no fortalecimento da consciência de classe política poderá ser mudada a realidade vigente na perspectiva de garantir e ampliar os direitos sociais que o Estado burguês renegou. As desigualdades sociais, em especial as educacionais, são reflexos diretos da desigual distribuição de renda e também da exploração impiedosa das elites políticas e econômicas para com os trabalhadores e as pessoas mais pobres.

Cássia Augusta¹⁵ (2018) afirmou:

Ela tem um racismo velado. Você vai conversar com as pessoas não, mas eu não sou racista! A baba da minha filha é negra, a cozinheira da minha avó era uma negra maravilhosa fazia uma comida maravilhosa. Então você ouve esses relatos pejorativos da nossa raça. Você vê que teve até a questão das cotas aqui que teve até que chama até o pessoal porque a maioria que se dizia negro, quer dizer, na hora deles terem vantagem eles se diziam negro numa boa, mas quando chega na hora de você chegar lá e falar pega um aluno da cota só vai ver um negro porque o resto é tudo branco, tanto é que teve esse processo (que a professora estava lá) que teve que ver e chamar, fazer um histórico do sujeito porque o sujeito realmente não era negro e não tinha nada de negro. E sobre essa questão desse pessoal que veio nessa época da fundação de Uberlândia, tem os herdeiros deles, eles já se foram, mas os netos estão aí com o mesmo pensamento, com a mesma ideia de que nós negros e pobres só servimos para ser empregados deles. Eles não querem um filho meu negro doutor, por quê? Esse meu filho meu negro vai competir com o filho branco dele que talvez tenha estudado na mesma faculdade que é uma faculdade de ponta que é uma federal.

Augusta chamou atenção para o combate aos preconceitos étnico-raciais, além de

¹⁴ Carmo (2000) autor da obra intitulada: “Função de Preto (Trabalho e Cultura de Trabalhadores Negros em Uberlândia/MG – 1945/1960)” é referência historiográfica para os pesquisadores que discutem temas relacionados com a cultura afro. A partir do seu trabalho foi possível compreender um pouco do contexto histórico social da época dos (as) trabalhadores (as) negros (as) que viveram e trabalharam em Uberlândia. O pesquisador utilizou a história oral e entrevistou algumas pessoas que falaram de suas experiências e vivências sociais. Carmo (2000) criticou a meritocracia da sociedade de classes embasada no discurso socialmente construído de que todas as pessoas teriam as mesmas oportunidades de trabalho e renda. Narrou às injustiças sociais a que foram submetidos os negros através da exploração da força de trabalho, destacou o protagonismo histórico dos (as) negros (as) que contribuíram para a construção e desenvolvimento de Uberlândia e as formas de resistências sociais na luta contra o preconceito e racismo.

¹⁵ Cássia Augusta tem 65 anos e é atuante em movimento negro de Uberlândia.

alertar sobre a exploração a que os trabalhadores foram submetidos por décadas. As riquezas produzidas pelos trabalhadores assalariados convergiram para a acumulação das classes dominantes. Augusta destacou a importância do sistema de cotas nas universidades, que contribuiu para a efetivação da justiça social. A experiência social adquirida como presidente de associação atuante na promoção, mobilização, socialização e fortalecimento da comunidade afrodescendente uberlandense foi imprescindível para fortalecer os laços de fraternidade e união dos participantes.

Batista (2017) afirmou:

A gente era diferente deles. Diferente no vestir, diferente no calçar, diferente no jeito de brincar na fala em tudo. Nós éramos diferentes deles por ter, viver em mundos diferentes. Eles da alta sociedade que era um colégio de pessoas bem de situação e nós cá em baixo. Mas eu só sei que assim a gente sentia. Mas como menino não tem malícia naquela época não era muito direto o preconceito. Mas nós sentíamos que tinha uma diferença entre a gente. Comigo nunca aconteceu diretamente de falar: vocês são negros e pobres não, não! Mas às vezes nós sentíamos até por parte de professor porque às vezes a gente, nós não tínhamos o livro. Ah mais vocês não tem nada aqui na sala, todo mundo tem! Eu acho que nós não sofremos preconceito maior, ou seja lá o que for por causa da dona Raquel. A gente não sabia lidar com isso porque a gente não sabia o que era o tal do preconceito.

Foi na escola Central que Batista e suas irmãs vivenciaram experiências sociais inéditas para a época. Estudantes de duas classes sociais antagônicas dividiram o mesmo espaço social. Segundo a entrevistada, elas perceberam que a cultura escolar era diferente. Inevitavelmente as forças de campo social emergiram do choque cultural¹⁶, provocaram questionamentos filosóficos durante o processo de socialização marcado por tensões sociais e também por amistosidade.

Guerreira (2017) relatou:

Eu vim conhecer o preconceito fazendo o Ensino Superior. Todo tipo de humilhação que você pensar que uma pessoa pode passar eu engoli bois, cachorros e carrapatos, mas eu consegui, eu passei! A pessoa quando tem objetivos ela tem que ir avante. Estava com três semanas que eu havia entrado na faculdade, deram o primeiro trabalho de história em que nós iríamos falar sobre a África. Vai falar da África? Eu cheguei até a arrumar a golinha da blusa. Vai falar da África? Que bom! Eu convidei uma turminha. Nós fomos fazer a apresentação escrita e nós resolvemos fazer também uma apresentação de Moçambique como era a dança do negro e da congada. Eu fui apresentar também o Moçambique junto com mais quatro pessoas. Moço: eu pensei, eu falei assim que coisa mais linda vai ser minha apresentação. Arrumamos o instrumento, a vestimenta e tudo mais, bandeiras da congada. Eu fui vaiada dentro de uma universidade, faltaram me enxotar lá de dentro. Dentro de uma faculdade você tem que ter até a precaução do que você pode fazer, o que você pode falar como você pode agir. Mas eu bati no peito e peguei e falei assim só se me expulsarem e me jogarem da universidade daqui pra fora. Eu passei momentos horríveis porque chegaram três moças em mim e perguntou se eu não tinha vergonha de falar sobre a África. Falei: não, não! Para gente fazer isso aí você tem realmente que bater no peito falar eu sou estudante e quero ser respeitada.

¹⁶ O significado do termo “choque cultural” se refere ao estranhamento social de pessoas cujas culturas, cosmovisão de realidades, hábitos, comportamento, maneiras de pensar e agir, ser e existir são diferentes. Os resultados dos choques culturais são variados: uma cultura se apropria da outra, ambas as culturas são influenciadas pelas trocas culturais ou não.

Passei por todos esses constrangimentos, dei a volta por cima. Muitas lágrimas rolaram. Mas eu venci! Não vou falar pra você que você não fica constrangida não. Mas depois dessa minha apresentação me deu auto-estima, porque ao invés de olhar para a esquerda eu olhei para direita e segui em frente. Eu não gosto muito de falar sobre esse assunto porque já passou, mas ainda me corrói por dentro porque na época eu sofri muito. Eu não vou largar, eu não vou sair, eu não vou desistir. Pago a faculdade. Mas eu passei aqui. Eu fui convidada pela universidade pra fazer o processo seletivo. Eles descobriram até então eu fazia parte da escola pública e eles me isentaram pelo Pro-Uni. Com essa isenção aí que aumentou mais o preconceito: fica colocando essa gentinha pobre aqui dentro da universidade! Então algumas coisas eu passei para as minhas filhas; tem coisas agora que minhas irmãs estão ouvindo que elas não conheciam esse fato.

A entrevista de Guerreira foi marcada por muita emoção, tensão e desabafo em decorrência do preconceito sofrido por ela em um ambiente universitário. Segundo o texto, quando ela dispusera a realizar apresentação da congada do Terno de Moçambique com o objetivo de mostrar a cultura afro, três estudantes fizeram uso da falta de educação e intolerância, desmerecendo o trabalho. Guerreira ficou indignada, entristecida e revoltada com o ocorrido. O mais surpreendente é que ela encontrou forças para superar as adversidades. Essa experiência social da entrevistada particularmente nos ensina a capacidade da estudante em não se deixar abater pela falta de respeito de outras pessoas e lutar pela realização de seus sonhos vinculados com a formatura no Ensino Superior por ela efetivada.

Sobre a intolerância religiosa, Batista (2017) explicou:

A cultura afro-brasileira nós sabemos até mais enquanto Brasil que ela veio trazida de lá da África pelos escravos. Por isso a gente entra no sincretismo por conta que o negro não pode expandir a religião, a cultura deles livre com liberdade. Eles tiveram que fazer esse sincretismo com dos santos orixás com os santos católicos até para sobrevivência da cultura deles porque se não teria acabado tudo. Eu vejo hoje que teve um avanço muito grande a respeito da cultura afro no nosso Brasil. Eu vejo que hoje ainda tem preconceito e intolerância religiosa das pessoas menos esclarecidas que não vai a fundo estudar sobre tudo isso. E também agora nós temos essa Lei 10.639 que liberou o estudo o ensino da cultura afro nas escolas. Quando chega nesse detalhe que hoje eu sou uma zeladora de santo e dentro do panteão da cultura afro como zeladora eu sou conhecida como Mãe Irene de Nãna. Passar para as crianças, passar para as pessoas eu acho louvável, mas para chegar a ser uma zeladora você tem que passar por várias etapas a vencer. Para que uma pessoa possa é falar ensinar essa religião ou esse culto afro eu tenho assim certa preocupação com isso porque ele vai estudar o orixá da onde ele veio, a comida dele, a dança dele a roupa dele então é uma coisa assim mais superficial.

A contribuição da cultura afro para a formação cultural nacional foi fundamental para o desenvolvimento do país. A contribuição da Pedagogia, na perspectiva de formar estudantes com a consciência multicultural, é fundamental para combater preconceitos e intolerâncias sociais. A Umbanda é uma religião que valoriza as tradições regionais e sociais do povo na perspectiva da fraternidade, está vinculada à preservação da natureza e à prática da caridade dos praticantes.

A proposta iluminista, segundo a qual a busca pela razão emanciparia a humanidade por meio da educação, foi criticada por Silva (2005), na obra intitulada “Valores, preconceitos e práticas educativas”.

Essas reflexões desenvolvidas no âmbito da Sociologia, da Filosofia e da Psicanálise parecem solapar a crença nos poderes clarividentes da razão e pôr em dúvida a Pedagogia que lança suas bases no universalismo iluminista. A ideia de autonomia é questionada e com ela questionam-se, também, os valores e crenças daqueles que se propõem educadores dos educadores. Se a crença no poder emancipador da razão não é totalmente desfeita, desconfia-se que a mesma razão que propôs emancipar os indivíduos, conforme podemos ler em Adorno e Horkheimer (1985), tornou-se repressiva, pois se colocou a serviço da dominação da natureza e também do próprio homem. (SILVA, 2005, p.127).

A ciência e a religião são constituídas nos princípios da razão e da fé respectivamente. A contribuição da ciência consiste em observar, estudar e pesquisar determinados aspectos das realidades sociais, especialmente no que tange às peculiaridades vigentes em determinados objetos temáticos específicos através do uso da razão na perspectiva do uso da lógica e demais complexidades que delineiam a epistemologia. As religiões buscam explicar a realidade (os fenômenos) por meio da fé que se expressa na defesa de determinada ideologia associada à cultura, que expressa a forma de ser, pensar, agir e existir de grupos sociais. A emancipação intelectual do ser dependerá das diretrizes ideológicas que formam os discursos sociais, que normalmente culminam com configuração social elaborada. A ciência e a religião possuem em comum o subjetivismo que se baseia na formação da realidade como resultante do pensamento das ações das culturas humanas. Razão e fé são duas facetas da mesma moeda.

Para Hasenbalg (2005, p. 251),

os princípios mais importantes da ideologia da democracia racial são a ausência do preconceito e discriminação racial no Brasil e, conseqüentemente, a existência de oportunidades econômicas e sociais iguais para brancos e negros. De fato, mais do que uma simples questão de crença, esses princípios assumiram o caráter de mandamentos: (1) Em nenhuma circunstância deve ser admitido que a discriminação racial existe no Brasil; e (2) Qualquer expressão de discriminação racial que possa aparecer deve sempre ser acatada como não-brasileira. O conteúdo desse “verdadeiro culto da igualdade racial” é consubstanciado em afirmativas populares tais como “o negro não tem problema” e “somos um povo sem preconceito”.

O discurso da democracia racial elaborado é uma tentativa de maquiagem a realidade que objetiva ocultar as intolerâncias, racismos e preconceitos. A retomada do protagonismo social das comunidades afro em suas lutas por justiça social depende da mobilização, união e organização.

Percebe-se que educar é uma atividade complexa, que envolve crenças e valores difíceis de serem elucidados via esclarecimento ou pelo auto-esclarecimento. É neste aspecto que o enfrentamento do preconceito, no âmbito das práticas sociais e, mais especificamente no âmbito escolar, torna-se uma questão desafiadora, visto que o preconceito é fruto de processos de socialização, dos conflitos entre interesses sociais diversos articulados à estrutura psíquica dos indivíduos. (SILVA, 2005, p.128).

O enfrentamento do preconceito não é responsabilidade apenas da escola. A família tem papel relevante na educação, orientação e formação moral dos filhos. Pai, mãe ou responsáveis pela criação e educação dos filhos deveriam participar das discussões sobre ética, fraternidade e solidariedade social com a finalidade de contribuir para a formação de consciências críticas e sociáveis.

Ainda, de acordo com a colaboradora Batista (2017),

dentro das escolas existem muitos alunos de várias religiões e vai ter alunos que o pai e mãe que seguem um terreiro ou que já tenham um estudo a mais vão questionar esses professores a respeito disso e muita coisa não vai ter uma repercussão muito boa porque aquele professor não vivenciou o que a gente vivencia para poder estar falando a respeito de determinado orixá, de terminada comida. Como fazer aquilo? Como lidar com aqueles elementos? Então está assim passando para os alunos uma coisa muito superficial. E fico triste também porque como dentro dessas salas de aula existem pessoas evangélicas, os pais deveriam respeitar! Até para o seu filho não crescer com aquela ignorância, não deixa que a criança participe da aula de religião para ganhar conhecimento sair dessa ignorância. Porque o afro, por causa da igreja católica ele ficou muito mal visto. Até a questão dos espíritos para vocês entenderem melhor que nós trabalhamos dentro dos terreiros, mas é para prática do bem, da caridade, do amor, da aproximação da família é para tirar um vício, é pra aliviar uma dor. Você vê: todos esses itens e outros mais são coisas boas. Ai a visão é que é do mal é que mata as pessoas, é que mata as crianças, é que separa os casais é que busca o marido da outra pra outra, não, não é nada disso! Então isso é criado na cabeça de pessoas que não estudaram a cultura afro. Então tem muita coisa filho que eu vejo com muita preocupação inserir esse estudo. Mas é bom! Pelo menos nós já conquistamos porque antes não podia nem falar. Falava que era bruxaria, também queimavam na época da inquisição muito antes do afro. Então eu tenho certa preocupação: até que ponto esses professores estão preparados para falar sobre o afro para as crianças? Quando você for dar uma aula você vai ser questionado e dentro de uma sala de aula não é diferente. Acho bom, é o primeiro passo que foi dado para que possa esclarecer as pessoas. O povo afro não exclui ninguém! É evangélico é católico é protestante. Precisou deles eles estão de braços abertos para servir.

O enfrentamento da intolerância religiosa perpassa pela cultura escolar a partir das diretrizes gerais construídas e registradas no Projeto Político Pedagógico presente em toda a escola. A disciplina de ensino religioso normalmente é ofertada para alunos do ensino básico. Independentemente da crença religiosa, o professor deve ensinar aos estudantes formas diferenciadas de culturas religiosas, para que possam ter formação educacional adequada. O desenvolvimento social de pessoas e da nação depende da abertura e liberdade de crença, de culto e de pensamento das comunidades.

Sobre o ensino da cultura afro, Batista (2017) explicou:

É uma cultura muito bonita para passar ela lá na escola, ela servir como matéria, como estudo. Esse professor que fosse para poder dar esse tipo de aula ele tinha que ser mais preparado, não digo que deva ser de dentro do culto. A primeira coisa que ela tinha que fazer bastante é enfrentar o preconceito porque é uma cultura que foi que é e será sempre será discriminada é aquele discriminado bem velado, velado, mas é muito difícil para poder entrar nesse problema do culto e do negro. Principalmente da cultura do negro é muito bonita, muita linda. Você vê dançando coisa e tal. Nós já fizemos a apresentação do Congo todo mundo gosta, mas na hora de colocar no papel para poder explicar é complicado. Não digo falar em orixá, falar da religião é muito difícil. Para colocar na teoria é complicado. Então eu acho assim: tinha que preparar bem as pessoas que vão adentrar principalmente nessa fase introdutória da criança na escola ou então mesmo como religião porque na religião é uma coisa que vai pegar porque o preconceito, quando fala que é a cultura do negro enquanto religião aí que o bicho pega. Tem muitos professores evangélicos, tem muitos alunos evangélicos tem pais evangélicos que não vai aceitar isso, a

mesma coisa lá no católico. Nós que somos umbandistas nós aceitamos. Você nunca viu um pai ou uma mãe renegar uma aula de religião de uma criança do nosso culto ir lá e falar não, não quero que meu filho tenha aula de religião. Ninguém! Mas eu tenho certeza se inserir a cultura afro, do negro enquanto orixá, enquanto religião numa aula de religião os pais não aceitam! Lamentável. Se fosse um desafio, por exemplo, uma professora que dá aula de religião, se ela começar logo logo os pais vão lá reclamam, ela é abordada e a própria escola não aceita. Mas se for pra falar da cultura do negro lá dentro enquanto religião em si lá dentro igual fala de Deus, do catolicismo, do Pai, ai...você não pode falar mais que vai dançar quadrilha de São João na escola.

Representante da cultura afro, no caso a religião da Umbanda é um sincretismo religioso entre a cultura indígena, africana e católica. Por meio da educação será possível ensinar aos estudantes a valorizar o multiculturalismo, caracterizado pelas diferenciações culturais.

Sobre a educação escolar, Augusta (2018) afirmou:

Eu continuo batendo na tecla da educação. Eu acho que para mudar essa realidade agora é formar pensadores. Formar seres que possam no futuro falar assim: não, a gente vai mudar! Ter uma igualdade; igualdade essa que nós vamos juntos criar. Eu continuo batendo na tecla que os professores vão à periferia, vão às escolas estaduais, municipais levar essas informações, questionar esses jovens o que eles querem para o Brasil. Eu acho que são os jovens. Nós temos que ser os mentores desses jovens. Nós é que temos que ir lá e passar essas informações, ter esse tipo de debate com eles. Não é a gente chegar e querer impor nada, pois o jovem tem suas próprias ideias. É a gente fazer essa roda de conversa.

Incentivar a formação de estudantes ativistas na defesa dos direitos sociais com a finalidade de transformar a realidade social é imprescindível para combater os problemas de intolerância e preconceitos sociais.

Sobre a sabedoria afro, Guerreira (2017) explicou:

A cultura afro-brasileira era é um ensino que ela veio ela veio realmente da África, ela trouxe cultura mesmo, sementes, vestimentas, trouxe conhecimentos. E esses conhecimentos através de ervas que essas ervas trás curas, ela trouxe benzições, ela trouxe conselhos, muitos conselhos. Por quê? Qual conselho? A criança desde quando ela nasce ela é apresentada ao sol, à lua e a estrela. Para quem eu estou te apresentando em primeiro lugar? A estrela vai te iluminar de noite. O sol vai te iluminar de dia. Diz que a Estrela Dalva assim que sai é hora de falar o nome do Pai. Então a apresentação da afrodescendência pra criança até chegar à fase adulta o tempo todo ele está ganhando conhecimento. Ele é sentado num banquinho de madeira, talvez sentado num toco. Ele é educado culturalmente talvez escrevendo numa areia ou talvez numa folha de palmeira mesmo. Ele aprendeu, ele ganhou aprendizado. O giz dessa criança africana talvez foi um pedaço de mandioca seca. Ele sabe se ele lascou uma árvore ele vai conhecer o sangue daquela árvore isso é química. Ele sabe que se ele der um salto ultrapassado lá na cachoeira ele vai apreender a física também. Lá na senzala eles iam conhecer a História. Tudo isso tem a parte educacional é a educação africana. Qual que era a sociologia deles? Eles eram a sociedade que adentravam todo mundo pra dentro de uma senzala e todo mundo se irmanava. A associação deles é muito comunitária, eles são muitos unidos. Então essa cultura pra mim, é até meio emotivo eu falar sobre a afrodescendência porque eu amo eu respeito. Eu quero o bem e pra mim a afrodescendência é tudo eu vivo ela o tempo todo. Na afrodescendência a gente fala

sobre toda parte da educação.

A partir das narrativas históricas dos entrevistados, somada a contextualização da realidade social de dados estatísticos e textos historiográficos, foi possível compreender e analisar aspectos da história da educação de estudantes negros que se escolarizaram em Uberlândia e região entre 1950-1970. A edificação de sociedades fraternas, justas e igualitárias, em que todos os cidadãos possam viver livres dos radicalismos, opressões e preconceitos sociais, depende de nossa união, mobilização e atuação política, cultural, intelectual e religiosa.

Guerreira (2017) destacou:

Eu acho que tem que ser individual. Porque cada professor tem uma cabeça. Muitos têm n projetos como eu falei agora mesmo anteriormente que tem a intenção de fazer a apresentação de seus planos. Como pode apresentar? Buscando, resgatando lá atrás alguns itens; vai fazer futuro lá na frente. Conscientização governamental. Mas da minha parte o que eu poderia fazer? É como o Brasil está fazendo aí dar esse grito de guerra que nós estamos dando aí para ver se esses governos reconheçam os erros deles. Mas da minha parte individual o que eu devo saber fazer. Saber fazer uma boa escolha governamental. Ter sabedoria na hora de colocar um que vai tomar conta principalmente da área de educação lá dentro.

De acordo com Hasenbalg (2005, p. 254), “a imagem da harmonia étnica e racial como parte de uma concepção ideológica mais ampla da ‘natureza humana’ brasileira é associada a um mecanismo de legitimação destinado a dissolver tensões, bem como a antecipar e controlar certas áreas de conflito social”.

Ao tratar do tema preconceito étnico-racial, salienta-se que o etnocentrismo é quando se tem por intenção impor por todos os meios sua própria cultura (que é a maneira de ser, pensar, sentir, viver e agir) ao outro. Munanga e Gomes (2006, p. 181) assim definiram o etnocentrismo:

designa o sentimento de superioridade que uma cultura tem em relação às outras. Consiste em acreditar que os valores próprios de uma sociedade ou cultura particular devam ser considerados como universais, válidos para todas as outras. O etnocêntrico acredita que os seus valores e a sua cultura são os melhores, os mais corretos e isso lhe é suficiente. Ele não alimenta necessariamente o desejo de aniquilar e destruir o outro, mas sim, de evitá-lo ou até mesmo de transformá-lo ou convertê-lo, pois carrega em si a ideia da recusa da diferença e cultiva sentimento de desconfiança em relação ao outro, visto como diferente, estranho ou até mesmo como um inimigo em potencial.

O preconceito social é embasado na concepção da desconstrução social da identidade social do outro em todos os aspectos na tentativa de inferiorizá-lo, denegrir a identidade e atentar contra a sua dignidade humana, a partir de juízos de valores equivocados.

Munanga e Gomes (2006, p. 181-182) assim definiram o preconceito social:

juízo negativo e prévio que os membros de uma raça, de uma etnia, de um grupo, ou de uma religião ou mesmo de indivíduos constroem em relação ao outro. Esse juízo negativo apresenta como característica principal a inflexibilidade, pois tende a ser mantido a qualquer custo, sem levar em conta os fatos que os contestem. Trata-se do conceito ou opinião formado antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos. O preconceito inclui a relação entre

peças e grupos humanos e a concepção que o indivíduo tem de si mesmo e também do outro.

O preconceito pode se constituir com a elaboração e difusão de discursos sociais sofisticadamente elaborados, visando à tentativa de dominação e controle social de uma cultura sobre outra com base na hierarquia da sociedade de classes.

O racismo é a violência promovida por pessoas ou agrupamentos humanos que não aceitam a diversidade social presente nas culturas humanas. O racismo étnico-racial pode ser implícito ou explícito. Implícito quando ele se manifesta efetivamente na sociedade sem que a mesma o reconheça. O racismo étnico-racial explícito é a manifestação mais violenta, desumana e covarde que atenta contra a dignidade, a honra, a personalidade e a identidade de pessoas ou grupos sociais minoritários ou que não compartilham os mesmos valores sociais.

Ainda, de acordo com Munanga e Gomes (2006, p. 179),

o racismo é um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como cor de pele, tipo de cabelo, formato do olho, etc. Ele é resultado da crença de que existem raças ou tipos humanos superiores e inferiores, a qual se tenta impor como única e verdadeira. Exemplo disso são as teorias raciais que serviram para justificar a escravidão no século XIX, a exclusão dos negros e a discriminação racial.

Sobre o racismo, Gomes (2005, p. 46) afirma que,

lamentavelmente, o racismo em nossa sociedade se dá de um modo muito especial: ele se afirma através de sua própria negação. Por isso dizemos que vivemos no Brasil um racismo ambíguo, o qual se apresenta, muito diferente de outros contextos onde esse fenômeno também acontece. O racismo no Brasil é alicerçado em uma grande contradição. A sociedade brasileira sempre negou insistentemente a existência do racismo e do preconceito racial mas no entanto as pesquisas atestam que, no cotidiano, nas relações de gênero, no mercado de trabalho, na educação básica e na universidade os negros ainda são discriminados e vivem uma situação de profunda desigualdade racial quando comparados com outros segmentos étnico-raciais do país.

Sobre a discriminação racial, Munanga e Gomes (2006, p. 181) salientam que “a pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito”.

Para Hasenbalg (2005, p. 80),

o preconceito e a discriminação racial aparecem no Brasil como consequências inevitáveis do escravismo. A persistência do preconceito e discriminação após a destruição do escravismo não é ligada ao dinamismo social do período pós-abolição, mas é interpretada como um fenômeno de atraso cultural, devido ao ritmo desigual de mudança das várias dimensões dos sistemas econômico, social e cultural.

Pelo exposto nos parágrafos anteriores e com base na ciência, baseada nas argumentações lógicas, provamos categoricamente, por meio da razão e objetividade, as hipóteses que explicam as desigualdades educacionais entre brancos e negros: (i) trabalho precoce, (ii) falta de infraestrutura escolar e (iii) preconceito. Tudo isso dificultou o processo de escolarização no período analisado.

Reafirmamos a importância deste artigo para a história da educação brasileira na

perspectiva de ter possibilitado uma compreensão a respeito da história da educação dos negros em Uberlândia e região entre as décadas de 1950 e 1970.

A temática é essencial para reflexão de novos caminhos que ampliem a inclusão educacional em todas as etapas da educação das crianças, adolescentes e adultos negros no tempo presente, levando-se em consideração as experiências do pretérito dos (as) colaboradores (as) que, por meio das narrativas históricas, abordaram suas impressões sobre as vivências sociais no âmbito da educação.

Referências

CARMO, Luis do. *Função de preto: trabalho e cultura de trabalhadores negros em Uberlândia/MG 1945-1960*. Dissertação (Mestrado) - Instituto de História da PUC São Paulo, São Paulo, 2000.

DOMINGUES, Cristiane Lumertz Klein, EBERT; Sintia Faé. Alfabetização e ditadura militar: relação entre a cartilha e os métodos de alfabetização. *Debates em Educação*, Maceió, v. 7, n. 15, Jul./Dez. 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/viewFile/1758/1571>. Acesso em: 4 nov. 2018.

FERNANDES, Florestan. *Significado do protesto negro*. São Paulo: Cortez/ Autores associados. 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo, v.33).

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação. 2005. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001432/143283por.pdf>. Acesso em 01 out. 2018.

HASENBALG, Carlos Alfredo. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Traduzido por Patrick Burglin. Prefácio de Fernando Henrique Cardoso. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG: Rio de Janeiro: IUPERJ. 2005. Disponível em: https://gruponsepr.files.wordpress.com/2016/10/hasenbalg-discriminac3a7c3a30-e-desigualdades-raciais-no-brasil_-_carlos-hasenbalg.pdf. Acesso em: 06 nov. 2018.

IBGE. *Recenseamento geral de 1950*. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/67/cd_1950_v1_br.pdf. Acesso em 10 jul. 2018.

IBGE. *Tendências demográficas no período de 1950/2000*. Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tendencias_demograficas/comentarios.pdf. Acesso em: 17 nov. 2018.

LIMA, S. C. F. A história da educação no meio rural no município de Uberlândia-MG (1950 a 1979). In: *VI Congresso Brasileiro de História da Educação - Invenção, Tradição e Escritas da História da Educação*, Vitória, v. 1. p. 1-15, 2011.

MUNANGA, Kabengele; GOMES; Nilma Lino. *O negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Global. 2006. (Coleção para entender).

MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o racismo na escola*. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: 2005. Brasília. DF.
Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf. Acesso em: 17 out. 2018.

OLIVEIRA, Letícia Borges de. *Educação no campo: mobral no meio rural de Uberlândia/MG (1970-1985)*. 2011. Disponível em:
<http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/dissertacao%20leticia%20borges-PDF.pdf>. Acesso em: 08 set. 2018.

SILVA, Divino José da; LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra (orgs.). *Valores, preconceito e práticas educativas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

Fontes Orais

AUGUSTA; Cássia. 2018. Arquivo de áudio mp3. (65 anos). Entrevista concedida a mim na residência da entrevistada.

ANJOS; Emanuel dos. 2018. Arquivo de áudio mp3. (72 anos). Entrevista concedida a mim na residência do entrevistado.

BATISTA; Hosana. 2017. Arquivo de áudio mp3. (65 anos). Entrevista concedida a mim na residência da entrevistada.

BONDADE; Joana Da. 2017. Arquivo de áudio mp3. (62 anos). Entrevista concedida a mim na residência da entrevistada.

FIRMINO; Estevão. 2018. Arquivo de áudio mp3. (76 anos). Entrevista concedida a mim na residência do entrevistado.

GRAÇAS; Madalena das. 2018. Arquivo de áudio mp3. (78 anos). Entrevista concedida a mim na residência da entrevistada.

GUERREIRA; Débora. 2017. Arquivo de áudio mp3. (60 anos). Entrevista concedida a mim na residência da entrevistada.

MARIA; Dandara de. 2018. Arquivo de áudio mp3. (74 anos). Entrevista concedida a mim na residência da entrevistada.

NAZARÉ; Marta de. 2018. Arquivo de áudio mp3. (47 anos). Entrevista concedida a mim na residência da entrevistada.

REDENTOR; Elias. 2018. Arquivo de áudio mp3. (48 anos). Entrevista concedida a mim na residência do entrevistado.

SANTOS. Pedro dos. 2018. Arquivo de áudio mp3. (85 anos). Entrevista concedida a mim na residência do entrevistado.